

PREFEITURA DE VITÓRIA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
EMEF EJA PROFESSOR ADMARDO SERAFIM DE OLIVEIRA  
FORMAÇÃO CONTINUADA – 03/2014  
Coordenação: Carlos Fabian de Carvalho

## DISCUTINDO COLETIVAMENTE ALGUNS DESAFIOS DA EJA

### 1º ATO :

Um estudante matriculado em uma turma do 1º segmento da Escola Admardo, apresenta resistência em arriscar-se na escrita. Ele afirma fortemente que só aprende quando a professora o faz copiar no quadro e solicita que sua cópia seja corrigida pela professora. Logo no início, a professora, ainda insegura, iniciou as aulas, com a temática orientada e apresentou algumas sílabas, solicitando que o estudante juntasse e formasse novas palavras. Assim a professora socializou várias palavras, cortadas em sílabas:

(CI- DA- DE) – (TRANS- POR - TE) - (RU- A)

(PRA - ÇAS) – ( BEN- TO / FE-RREI- RA )

De posse destas sílabas o estudante foi provocado a descobrir, escrever, lembrar e construir outras palavras, e assim o fez juntando, com ajuda da professora:

PRATU - RATO – TRATO -FERO

Quais questões podemos aprofundar nesta situação? Que sugestões podemos construir coletivamente para auxiliar o trabalho da professora?

2º ATO : Outro estudante, da mesma turma já se permite a arriscar e escreveu o seguinte texto:  
Milia sidadi tein, muito pobrema Eu dici poque fauta lus laínsima. coando o praneta parol

Como analisamos o texto acima? Que mediações podemos propor para o texto?

ALGUNS APONTAMENTOS

No primeiro texto devemos estar atentos para as seguintes questões: Oliveira, ao refletir acerca dos fundamentos filosóficos e linguísticos da alfabetização, identifica aproximações entre Freire e Ferrero, no que diz respeito a teoria do conhecimento. A pesquisadora afirma que em Freire, temos a ênfase do homem como sujeito que, na relação permanente com o mundo que o rodeia, e por meio de sua ação nele, constrói seu conhecimento. Já FERRERO, a partir de PIAGET, encontramos a ideia de um sujeito que atua também ativamente para compreender o mundo que o rodeia e não espera que alguém que possua um conhecimento lhe transmita.

Nesta perspectiva, ações mecanicistas, de repetição e esvaziada de sentido acabam por negar a capacidade do homem como sujeito criador.

Não conseguimos identificar relações semânticas (relação com o significado) das palavras "geradoras": CIDADE, PRAÇA, BENTO FERREIRA E OUTRAS) com PRATU, RATO, TRATO E FERRO.

Vale observar que mesmo em uma proposta que toma um modelo como referência, o educando cria e inventa novas regras( FERRO, PRATU).

O incentivo a escrita autônoma é nosso primeiro desafio. Você sabe sim! Coloque no papel como está pensando! Vamos! Eu vou junto lhe perguntando: como vamos começar a escrever CIDADE, constituem nossa ação diária.

E como corrigir? Retomo a pergunta: é possível pensarmos em correção ortográfica para quem está se arriscando no mundo da escrita? Não trabalhamos na perspectiva do erro, mas sim das hipóteses e tentativas.

No segundo caso identificamos um processo de escrita espontânea, que apresenta algumas características:

- a) Transcrição fonética da própria fala: Milia sidadi tein, dici e coando;
- b) Transcrição fonética atrelado ao uso indevido de letras: dici poque fauta lus;
- c) hipercorreção: parol;
- d) Transcrição fonética atrelada a juntura intervocabular: laínsima;
- e) Variação Linguística social: pobrema e praneta;

f) Sinais de Pontuação: Milia sidadi tein, muito pobrema Eu dici poque fauta lus laínsima. coando o praneta parol

3º ATO -

Uma estudante do 2º segmento da EMEF EJA Admardo, reside em um bairro periférico e popular da Capital. Com reprovações nas escolas que passou, a Estudante nunca chega no horário de início das atividades letivas. Quando está em sala produz as atividades, porém após relativa insistência dos educadores, mas raramente realiza as tarefas que são encaminhadas para casa. Suas produções demonstram coesão e coerência textual, habilidades de análise, síntese e criticidade, porém, com necessidade de mediações na produção escrita. O uso do celular para envio de torpedos e fone de ouvidos também são características desta educanda. Ressaltamos que a escola já promoveu inúmeras reuniões com a Estudante e com sua família. Também já se reuniu com o CRAS em que a jovem é atendida e estabeleceu alguns acordos que não foram cumpridos por Ela. A jovem cumpre a medida socioeducativa de prestação de serviço comunitário e não realizou as tarefas definidas pela vara infância e juventude de Vitória. De posse desta situação indagamos:

a) Quais questões podemos aprofundar nesta situação?

b) Que sugestões podemos construir coletivamente no trabalho pedagógico junto a este educando?

Nesta segunda situação, identificamos a necessidade de pesquisarmos as relações entre as juventudes e a escola. As culturas juvenis tem nos provocado a inúmeras reflexões, principalmente: que escola dialoga com as juventudes? Qual currículo, tempos e espaços formativos podem contribuir com a formação destes sujeitos? Que juventudes queremos formar? Podemos nos colocar como formadores das juventudes? O que pensamos sobre como pensam a sexualidade, o lazer, a política, a cultura e

outros.

Como apontamentos sugerimos:

- a) a diversificação das problematizações ( músicas, vídeos, textos e TIC's);
- b) a construção e repactuação permanente dos pactos de convivência coletiva;
- c) o acompanhamento detalhado da frequência semanal, interrogando, na perspectiva do cuidado, os motivos das ausências, dos atrasos e das saídas antes do horário e;
- d) Aproximem-se e abram-se para o conhecimento destas novas práticas de vida, pois a relação somente acontecerá na afetividade.

ATO 4

Nosso mais recente desafio: Alexandra "Nina" Pimentel. Jovem, com síndrome de Down. Praticamente concluiu o ensino fundamental na rede de Vitória. Hoje, matriculada na EMEF EJA Admardo, apresentou a seguinte produção:



Sua produção e 2012:

LUANINAMORAR  

